

## JESUÍTAS HÚNGAROS NO BRASIL

Odilon Nogueira de MATOS

Quando se fala de missionários jesuítas no Brasil, pensa-se logo em portugueses e espanhóis. De fato, dada nossa ascendência ibérica, é natural que a maior parte dos discípulos de Santo Inácio que prestaram serviços ao nosso país tenha provindo de Portugal e da Espanha. E a estes, portanto, cabe talvez noventa por cento da preciosa literatura missionária que nos legaram e que constitui, como é sabido, fonte valiosa para o conhecimento do Brasil nos primeiros séculos de sua crônica.

Todavia, é preciso que se leve em conta, também, jesuítas de outras nacionalidades que vieram para o Brasil, como húngaros, tchecos, poloneses, italianos, e ainda de outras nacionalidades. Ao eminente e saudoso escritor Paulo Rónai (1907-1992), húngaro de nascimento, mas brasileiro de adoção e que em nosso país viveu boa parte de sua vida, com assinalados serviços à nossa cultura, ficamos devendo o conhecimento de alguns missionários jesuítas, seus compatriotas, que atuaram no norte do Brasil e também em outras regiões da América Latina, como Paraguai, Bolívia, Chile, Equador e México. Alguns deles faleceram na América, agredidos por indígenas ou vitimados por endemias tropicais.

Em trabalho de Paulo Rónai divulgado em o nº 113 desta publicação (primeiro trimestre de 1984), são mencionados treze jesuítas húngaros que tomaram a América do Sul como campo de suas atividades. Desses, cinco no Brasil. E desses, dois tiveram, além dos trabalhos missionários, importante tarefa científica como astrônomos e cartógrafos, com participação efetiva no reconhecimento das fronteiras do Brasil com a América Espanhola, em decorrência dos tratados de limites do século XVIII.

Isso não impediu, contudo, que ambos fossem vítimas da campanha anti-jesuítica movida ao tempo de Pombal, cuja "ditadura" em Portugal começou logo após a subida ao trono de D. José I. Uma dessas vítimas pombalinas foi o padre Inácio Szentmártonyi. Apesar de exibir documentos comprobatórios de sua nomeação pelo próprio Estado, para a missão científica de que fora incumbido, foi aprisionado na fortaleza de São Julião, donde só saiu depois de dezoito anos, apesar dos esforços em seu favor por parte do embaixador da Áustria e Hungria junto à corte de Lisboa.

Após a libertação, voltou a Viena, onde foi recebido pela Imperatriz Maria Teresa, a quem contou toda a sua história. Condoendo-se dele, concedeu-lhe a Imperatriz uma pensão, que o jesuíta nobremente recusou. Preferiu regressar à Hungria, onde faleceu pouco depois, em 1793.

De outro ativo missionário húngaro, do qual conhecemos alguns escritos, poucos, aliás - apenas duas cartas - mas que revelam muito de sua personalidade, e que também foram divulgadas entre nós pelo mesmo escritor húngaro que escolheu o Brasil para sua residência e que, num sítio pitoresco do interior fluminense, viveu até ao fim de seus dias, deixando uma contribuição imensa para a cultura brasileira, como já foi lembrado.

Trata-se do padre David Aluísio Fay. Tal como seus companheiros de hábito, também não resistiu ao suplício do cativo que lhe foi imposto pelo antijesuitismo pombalino e faleceu na prisão, em 1767, com apenas 45 anos de idade.

Personalidade de destaque, seu valor nos é revelado, como dissemos, através de duas cartas por ele endereçadas à mãe, e de "grande interesse histórico", no dizer de Paulo Rónai. A primeira contém a curiosa relação de uma travessia de Lisboa ao Brasil, levada a efeito em 1753, com a duração de mais de quarenta dias; e também uma descrição preciosa (e até "engraçada", no dizer do tradutor) do Maranhão, de seus habitantes, de sua flora e de sua fauna. A segunda carta encerra valiosos dados sobre as usanças dos indígenas e a narrativa da conversão duma tribo indígena.

O padre Fay - ainda na informação de Paulo Rónai - deveu a morte à sua própria atividade de missionário e escritor. Não contente

em catequizar e pregar a doutrina cristã, quis, talvez inconseqüentemente (quem o poderá dizer?) prestar um grande serviço à causa da Igreja, divulgando a réplica de um jesuíta espanhol a um folheto anti-jesuítico supostamente de autoria do próprio Marquês de Pombal, no qual o poderoso ministro, entre outras coisas, acusa os jesuítas de estarem tramando a criação de "estados independentes" dentro do Brasil, atentando, assim, contra a soberania do Estado português.

O fim da história já foi dito. O trabalho do padre Fay caiu no domínio da poderosa censura do governo e daí sua prisão em Lisboa, onde encontrou a morte.

Não temos indicações precisas acerca do escrito de Pombal (ou a ele atribuído) contra os jesuítas e que provocou a defesa do sacerdote espanhol e do padre Fay. Talvez seja a **Relação abreviada da República que os jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias, e da guerra que neles tem movido e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses**, publicada em Lisboa, em 1757, e há poucos anos reeditada pela Livraria Martins, de Porto Alegre, com o título **República Jesuítica Ultramarina**, violento libelo pombalino, na mesma linha de tantos outros que, na época, apareciam (autênticos ou falsos) visando a denegrir a obra jesuítica.

Ao divulgar pelos "Anais da Biblioteca Nacional" (volume 64, de 1942, mas efetivamente publicado em 1944) o valioso material sobre o padre David Fay, inclusive suas duas cartas, o escritor Paulo Rónai intitulou seu trabalho "Contribuição para a história das missões jesuíticas no Brasil no século XVIII". E considerando que o documentário relativo a essas missões constituem páginas essenciais da história da civilização brasileira, acrescentou, como que justificando sua publicação: "As reminiscências, as memórias e as cartas dos missionários jesuítas contêm um tesouro de informes valiosos não somente no tocante à catequese dos índios, como também no que diz respeito ao folclore, à geografia, à história natural e à evolução étnica e política do Brasil".

Quando se lê as duas cartas do padre Fay lamenta-se que ele não houvesse escrito mais, pois revela-se ele, na simples forma epistolar um observador arguto, capaz de registrar com precisão dados relativos

a tudo o que seu compatriota indica como característica da literatura missionária. Eis porque essas fontes estão sendo cada vez mais valorizadas. E, ao lado de um Anchieta, um Fernão Cardim, um Vieira, figuras de primeira grandeza na história missionária do Brasil, há que se considerar, também, os menos conhecidos, ou por terem vivido menos tempo no Brasil ou porque suas áreas de ação tenham sido menores.

Eis porque não tivemos dúvida em colocar um excerto do padre Fay na seção "Textos: sugestões para seminários", de um dos números desta publicação (nº 109, do primeiro trimestre de 1983). Dessa transcrição, julgamos oportuno destacar alguns tópicos. A certa altura de seu relato, informa o missionário que está para ser transferido para outra missão, na aldeia denominada "Maraen" (uma corruptela do próprio nome Maranhão). Essa aldeia era conhecida por "paraíso terrestre", o que leva o padre a explicar o nome:

"A dita aldeia chama-se paraíso terrestre porque, tendo um chão bom e fértil em tudo, possui campos e florestas excelentes. Existe ali, particularmente, um lago bem grande; como agora, no verão, os riachos e torrentes da região secaram, todos os animais se encontram ali de manhã e de noite para matar a sede. Estando de canoa, é um prazer observar aquela variada multidão de bichos. Aqui a variação das estações consiste em verão e inverno; na verdade, o tempo é igual o ano todo, como na Hungria costuma ser nos meses de junho; no inverno, porém, chove quase todos os dias; no verão, de noite e de dia não pára o vento, enquanto não há chuva.

Descrevendo a cidade do Maranhão, tece considerações quanto a condição dos livres e dos escravos, e destes, tanto dos africanos como dos índios. Para estes havia proteção especial: "Quase anualmente, S. M. manda ordens para que os governadores protejam a todo transe a liberdade dos índios. Nas aldeias só habitam índios, porém os desta ilha são já todos cristãos. Aqui já não há pagãos, mas no interior do país existe ainda uma multidão enorme deles".

Embora escassos, esses dois pequenos trechos nos mostram o interesse das impressões do missionário húngaro, numa linha muito comum a de tantos outros que deixaram depoimentos sobre o início da cristianização do Brasil. E, no caso, proveniente de sacerdote não ibérico, mas que facilmente se identificou com a terra e a gente do Brasil.